

"Nada que lembre castas, discriminações, evidências individuais, injustificáveis, privilégios, imunidades, prioridades."

"Amor de Jesus sobre todos, verdade de Kardec para todos."

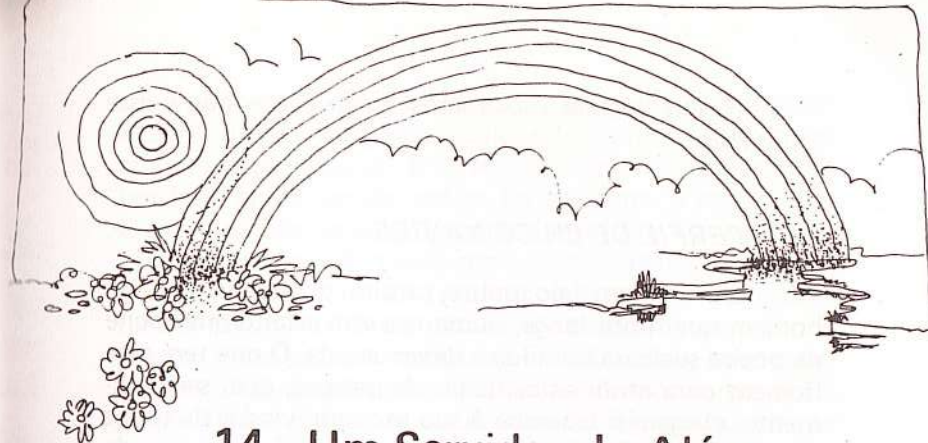
Em essência esse pensamento é repetido pelo mesmo Espírito em mensagem que vai publicada noutro local de "O Triângulo Espírita".

Emmanuel também é incisivo em "Aliança Espírita":

Educarás ajudando e unirás compreendendo.

Jesus não nos chamou para exercer a função de palmatórias na instituição universal do Evangelho, e, sim, foi categórico ao afirmar: "Os meus discípulos serão conhecidos por muitos se amarem".

Cumpre-nos, dessa forma, meditar melhor a mensagem dos Espíritos, mas, sobretudo, aplicá-la em nosso movimento espírita, em nossas casas espíritas, e, principalmente, em nosso movimento de Unificação, aplicação esta que vem sendo a tônica de toda a vida de nosso médium Chico Xavier. Aliás, ninguém mais do que ele viveu e vive o verdadeiro sentido da unificação e que é o retrato acima.



14 - Um Servidor do Além, ao seu dispor *

De seu próprio punho, Chico Xavier nunca escreveu nenhum livro. E no entanto já tem, publicados, quase cinco milhões de exemplares lidos avidamente por seu público. São obras "psicografadas", como se usa dizer no Espiritismo, o que significa que todas foram escritas através dele por seus guias. Chico Xavier é um fenômeno, antes de mais nada, editorial. E que ganha uma dimensão ainda maior num país onde cresce, cada vez mais, o espiritualismo. Filas imensas se formam em Uberaba, onde mora, à espera da palavra de Chico Xavier, considerado o maior "médium" do Brasil.

(*) Reportagem e entrevista de Regina Penteado, redatora do jornal *Folhetim*, de São Paulo/SP, publicação domingueira da *Folha de São Paulo*, divulgada na edição de 16 de abril de 1978, n.o 65, sob o título: "Um servidor do além, ao seu dispor".

Nestas páginas mostramos quem é e o que é esse fenômeno.

114 – PERFIL DE CHICO XAVIER

Um homem feio, pobre, caipira, doente, velho. Um homem que mora longe, numa rua sem asfalto que enche de poeira sua casa humilde e desarrumada. O que terá este homem para atrair as centenas de pessoas, que, semanalmente, chegam a Uberaba à sua procura, vindas de todos os Estados do Brasil, algumas até do exterior; pessoas de todas as classes sociais, trazidas por veículos que, conforme as suas posses, vão desde o caminhão tipo romaria até o avião?

Uma mediunidade extraordinária que inclui dons como a psicografia (o principal), a vidência, a audição (de espíritos, claro) e o de fazer viagens no corpo astral que já lhe conferiram o poder da ubiqüidade. Dons que acabaram por transformá-lo no papa do Espiritismo no Brasil.

115 – VICENTE LEPORACE E EURÍPEDES

Por isto, não é nada fácil chegar perto de Francisco Cândido Xavier, ou melhor, do Chico Xavier — que é assim que o povo prefere chamá-lo.

Que o diga o Vicente Leporace, que, além de ser um conhecidíssimo homem do rádio paulista via “O Tra-buco”, seu programa diário transmitido pela Rádio Bandeirantes, é também um dos diretores do Lar Mãe Mariana, respeitável Centro da capital, um espírita enfim, dos mais convictos.

Acontece que o Leporace incorreu no erro de bater à porta da casa de Chico Xavier em dia não destinado ao atendimento público. E teve pela frente um dos mais temíveis ajudantes de ordem do médium, o zelosíssimo Eurípedes. Rechaçado, Leporace teve que fazer o caminho de volta até São Paulo remoendo a sua raiva. E no dia seguinte, abriu a boca no mundo em frente ao microfone: que o Chico Xavier era um grande médium, uma grande pessoa, mas pessimamente assessorado. Que, sendo seu amigo, é claro que Chico não teria recusado a recebê-lo, se ele tivesse tido a oportunidade de falar pessoalmente com ele. Mas que um “dentistinha”, um tal de Eurípedes, não lhe tinha dado chance, etc., etc., etc.

“Faz-te mel que as pessoas te devoram” — disse o escritor Bernardo Elis, numa página que integra o livro de depoimentos sobre Chico, que comemora os seus 50 anos de mediunidade. E é justamente por conhecer o coração de Chico, que além de boníssimo é um coração doente, que seus amigos mais chegados (o termo ajudante-de-ordens foi usado mais acima, como simples força de expressão) que seus amigos mais chegados vem formando em torno dele, nos últimos tempos, um cerco que só não se tornou ainda inexpugnável devido à dedicação do próprio Chico à causa que foi chamado a abraçar com apenas quatro anos de idade. Não, não, não — estou exagerando um pouco. Com quatro anos fizeram-se notar os primeiros sinais que mostraram aos seus pais que alguma coisa “fora de série” ocorria com seu filho Francisco.

116 – FATOS MEDIÚNICOS DA INFÂNCIA

“Eu tinha quatro anos de idade quando voltei da cidade de Matozinhos, perto de Pedro Leopoldo, onde

nasci, em companhia de meus pais e de meus irmãos. Meus pais haviam assistido às cerimônias religiosas que naquele tempo eram consideradas de praxe para todas as famílias católicas. Havíamos caminhado onze quilômetros. Chegamos em casa, numa noite bastante fria, com chuva. Meus irmãos se dirigiram logo para o descanso do sono. Minha mãe, naturalmente preocupada com problemas de saúde, trocou-me a roupa e, como eu estava fatigado, levou-me à cozinha, onde fora fazer um café para o meu pai. Enquanto esperava o café que se fazia, meu pai começou a falar a respeito de um problema de aborto que havia ocorrido com uma de nossas vizinhas. Uma criança havia nascido fora de tempo e meu pai, que não havia atingido a verdade sobre o assunto, discutia com minha mãe a respeito. Nesse instante, eu ouvi uma voz e então transmiti para meu pai. "O senhor naturalmente não está informado com respeito ao caso. O que houve foi um problema de nidação inadequada do ovo, de modo que a criança adquiriu posição ectópica". Meu pai arregalou os olhos e disse para minha mãe: "O que é isso, Maria? Esse menino não é o nosso. Trocaram esta criança na igreja, enquanto nós estávamos na confissão" — e me perguntou o que vinha a ser nidação, o que vinha a ser ectópico, o que vinha a ser implantação. E eu não sabia explicar coisa nenhuma porque falei o que uma voz me dissera. Ele me olhou com muita desconfiança, e minha mãe comentou: "Não, João, este menino é o nosso mesmo!" — "Este menino não é o nosso. Até a roupa dele está mudada!" (disse o pai). Então a minha mãe explicou: "Eu mudei a roupa da criança agora, por causa do frio". Eu tinha quatro anos de idade e me recordo perfeitamente.

(Depoimento de Chico Xavier no programa de Hebe Camargo, em 17/9/73, na TV Record, inserto no livro "A Terra e o Semeador").

Depois disto, as vozes e outras manifestações dos espíritos não o largaram mais. A ponto de criar para o pequeno Chico, situações altamente embaraçosas, como, por exemplo, a que ele cita, em depoimento a Elias Barbosa, no livro "No Mundo de Chico Xavier":

"Muitas vezes em aula, quando criança, ouvia vozes dos espíritos ou sentia mãos sobre as minhas mãos que eu senti vivas, guiando meus movimentos de escrita, sem que os outros as vissem. Isso me criava muitos constrangimentos. Lembrarei um episódio curioso. Em 1922 eu contava 12 anos de idade e freqüentava o 4.o ano escolar do Grupo Escolar São José, em Pedro Leopoldo (. . .) O governo do Estado de Minas Gerais instituiu prêmios para os alunos de todas as classes de 4.o ano das escolas primárias que apresentassem as melhores páginas sobre a história do Brasil (. . .) Abertos os trabalhos no dia indicado, quando começamos os preparativos para a escrita, vi um homem a meu lado, ditando-me como eu deveria escrever. Assustei-me porque perguntei ao meu companheiro de banco, Alencar de Assis, se ele estava vendo esta pessoa. Ele me disse não ver ninguém, e acrescentou que eu estava com medo da prova e que era preciso sossegar-me. O homem, contudo, me disse o primeiro trecho que eu deveria escrever. Tendo ouvido claramente, pedi licença para levantar-me e fui ao estrado sobre o qual a professora estava sentada. Então disse a ela em voz baixa: "Dona Rosália, perto de mim, na carteira, eu vejo um homem ditando o que devo escrever". Apesar de ser ainda muito jovem, naquele tempo ela era uma criatura de imensa bondade e profunda compreensão que sempre me ouvia com grande paciência. Depois de escutar-me, pertuntou igualmente em voz baixa: "O que é que este homem está mandando você escrever?". Eu repeti o que ouvira do espírito explicando: "Ele me disse que eu devo começar

a prova contando assim: "O Brasil, descoberto por Pedro Álvares Cabral, pode ser comparado ao mais precioso diamante do mundo que logo passou a ser engastado na Coroa Portuguesa. . ." Ela mostrou admiração no semblante, mas me falou em voz mais baixa ainda: "Volte, meu filho, para a sua carteira e escreva a sua prova. A sala está repleta de pessoas que nos observam e agora não é o momento de você ver pessoas que ninguém vê. Não acredite que esteja escutando estranhos. Você está ouvindo a você mesmo. Dê atenção ao seu pensamento. Cuide de sua obrigação e não fale mais nisso". Voltei e escrevi o que o espírito me ditava, porque, ou escrevia ou eu desobedeceria a ela, a quem respeitava e amava muito (. . .) Passados alguns dias, o nosso Grupo em Pedro Leopoldo recebeu a notícia de que as autoridades na Capital mineira me haviam distinguido entre os alunos classificados com Menção Honrosa (. . .) Dona Rosália ficou muito satisfeita, mas, de minha parte, sabia que as páginas não eram minhas. Amigos de Pedro Leopoldo tomaram conhecimento do assunto e houve quem dissesse que eu havia copiado o trabalho de algum livro de História. Dona Rosália acreditava em minha sinceridade, mas a nossa turma no Grupo ficou dividida. Alguns colegas admitiam que eu falava a verdade, outros me consideravam mentiroso. Muito me desgostavam as acusações que passei a sofrer na vida escolar, até que, um dia, em aula, um colega afirmou que se eu vira um homem do outro mundo ditando a prova pela qual fui premiado, era natural que eu visse esse homem outra vez, ali mesmo e naquela hora, ao lado de todos, para escrever. Neste justo instante, tornei a ver o homem que os outros não viam e comuniquéi à professora que ele me dizia estar pronto para escrever. Dona Rosália Laranjeira hesitou em aceitar o oferecimento; entretanto, os meus colegas pediram em voz alta para que

eu atendesse. A professora então me permitiu ir ao quadro negro, a fim de escrever à vista de todos (. . .) Uma nossa colega, Oscarlina Leroy, lembrou: "Gostaria que o tema fosse areia, porque tenho carregado muita areia para auxiliar uma pequena construção de meu pai". Todos os meninos presentes riram-se da lembrança e acharam que areia era uma coisa desprezível. Alguns fizeram piadas, mas o pedido de Oscarlina foi sustentado (. . .) Lembro-me que o espírito amigo, ali, ao meu lado, começou ditando: "Meus filhos, ninguém escarneça da criação. O grão de areia é quase nada, mas parece uma estrela pequenina refletindo o sol de Deus. . ." A composição foi escrita com muitas idéias que eu seria incapaz de conceber nos meus doze anos de idade. Os meninos ficaram em silêncio por alguns instantes, e quando voltaram a conversar, a nossa professora determinou o encerramento do assunto. Daí em diante, Dona Rosália proibiu qualquer comentário na classe sobre pessoas invisíveis. Nem eu podia dar notícias de coisas estranhas que eu visse e nem os meus colegas deveriam me perguntar coisa fora de nossos estudos."

117 – INÍCIO DO TRABALHO. EMMANUEL

Sua efetiva entrada para o Espiritismo, porém, deu-se apenas em 1927, depois que José Hermínio Perácio, amigo da família, que era médium, conseguiu livrar uma das suas irmãs de uma "terrível obsessão", aliando a essa prova, mensagens (psicografadas) recebidas por sua mulher, Carmem Perácio, onde Maria João de Deus, a mãe de Chico falecida em 1915, "numa grafia igual a que a nossa genitora usava quando na Terra", entrava "em pormenores da nossa vida íntima que essa senhora desconhecia".

E em 1931, finalmente, o encontro com o mentor espiritual Emmanuel, que já o acompanhava desde a infância e continua a assisti-lo até hoje, juntamente com os espíritos de Maria João de Deus, do doutor Bezerra de Menezes, de Meimei e André Luiz, entre outros. O livro "Lindos Casos de Chico Xavier", que narra a parte deste encontro que pôde ser conhecida, reza que ele (o encontro) deu-se às margens de um belo açude onde Chico Xavier costumava ir rezar nos dias feriados. Primeiro, a visão de uma cruz "muito bela" por entre as árvores, em seguida, "surgindo em meio aos raios de luz", o seu mentor apresentou-se "envergando uma túnica semelhante à dos sacerdotes e em seu semblante as feições de um ancião venerável".

"Está você realmente disposto a trabalhar na mediunidade com Jesus?" — pergunta o orientador espiritual.

"Sim, se os bons Espíritos não me abandonarem" — respondeu o médium.

"Não será você desamparado — disse-lhe Emmanuel — mas para isso é preciso que você trabalhe, estude e se esforce no bem."

"E o senhor acha que eu estou em condições de aceitar o compromisso?" — tornou Chico.

"Perfeitamente, desde que você procure respeitar os três pontos básicos para o Serviço. . ."

Porque o Protetor se calasse o rapaz perguntou:

"Qual é o primeiro?"

A resposta veio firme:

"Disciplina."

"E o segundo?"

"Disciplina."

"E o terceiro?"

"Disciplina."

118 — PRIVILÉGIOS DE CHICO XAVIER

E de lá para cá, Chico, que no dia 2 último completou 68 anos de idade e 50 de mediunidade, não parou mais. Seja psicografando livros — sua principal tarefa — que já totalizaram até a presente data 153 títulos, segundo dados colhidos em "Luz Bendita", volume composto por depoimentos sobre Chico lançado para comemorar o cinquentenário de suas atividades mediúnicas; um número incalculável de receitas (os remédios indicados, é preciso dizer, são sempre homeopáticos); de mensagens enviadas por seres desencarnados a seus parentes a título de consolo e prova da sobrevivência do Espírito à morte corporal. Seja realizando sessões de desobsessões ou dando, de viva voz, sinais da existência de um mundo imaterial.

Que privilégios terá adquirido o médium, após tantos anos ao serviço do além e de seus semelhantes, sobre o comum dos mortais? O depoimento dado pelo casal Nena e Francisco Galves e transcrito pela repórter Marlene S. Nobre (mulher do deputado opositor Freitas Nobre e que com ele forma um casal de espíritos dos mais ferrenhos) para a edição especial da "Folha Espírita" sobre o cinquentenário da mediunidade de Chico Xavier, diz que ele deu a seguinte resposta a um senhor que, encontrando-se numa das ruas de São Paulo, dirigiu-lhe a mesma pergunta.

"Meu amigo, eu não sei quais são os meus privilégios perante os Céus, porque fiquei órfão de mãe aos cinco anos de idade, fui entregue à proteção de uma se-

nhora que durante dois anos, graças a Deus, me favorecia com três surras de vara de marmelo por dia, empreguei-me numa fábrica de tecidos aos oito anos de idade. E nela trabalhei durante quatro anos seguidos à noite, estudando na escola primária durante o dia. Não podendo continuar na fábrica, empreguei-me como auxiliar de cozinha, balcão e horta, num pequeno empório, durante mais quatro anos, em seguida empreguei-me numa repartição do Ministério de Agricultura, na qual trabalhei trinta e dois anos, começando na limpeza da repartição até chegar a escriturário, quando me aposentei; em criança sofri moléstia de pele, fui operado no calcanhar onde me cresceu um grande tumor; sofri dos doze aos quinze anos de Coréia ou "mal de São Guido"; fui operado em 1951 de uma hérnia estrangulada; acompanhei a desencarnação de irmãos que me eram particularmente queridos em família; sofri um processo público em 1944, de muitos lances difíceis e amargos, por causa das mensagens do grande escritor Humberto de Campos; em 1958, passei por escandalosa perseguição com muitos noticiários infelizes da imprensa, perseguição de tal modo intensa que me obrigaram a sair do campo reconfortante da vida familiar em Pedro Leopoldo onde nasci, transferindo-me para Uberaba, em 1959, para que houvesse tranquilidade para os meus familiares que não tinham culpa de eu haver nascido médium; em 1968 fui internado no Hospital Santa Helena aqui em São Paulo, para ser operado numa cirurgia de muita gravidade e agora, no princípio deste ano do cinquentenário de minhas pobres faculdades mediúnicas, agravou-se em mim um processo de angina que começou em novembro do ano passado. . . angina essa com a qual estou lutando muito. Se tenho privilégios, como o senhor imagina, devo ter esses privilégios sem saber."

119 – DIREITOS AUTORAIS, DONATIVOS E AMIGOS

Como se não bastasse tudo isto, Chico Xavier, como dissemos acima, é pobre. Poderia estar rico, se quisesse. Se, por exemplo, não tivesse doado todos os direitos dos livros que psicografou até hoje (somados, eles já alcançaram 4.801.500 exemplares) às editoras espíritas e às obras assistenciais por elas mantidas ("Você pode ir verificar isto nas editoras, que até me faz um favor" — disse-me ele. O que, depois de conhecê-lo pessoalmente e ver a maneira como vive, não me pareceu necessário. A sugestão, no entanto, fica aberta aos incrédulos); se não desse todos os presentes ganhos logo após o seu recebimento; se não recusasse qualquer donativo, nem mesmo quando eles crescem a ponto de transformar-se em vultosas heranças.

Este foi o real motivo — guardado a sete chaves por Chico e por seus seguidores mais diretos, "para não virar fofoca" — que obrigou o médium a mudar a sede dos seus trabalhos espíritas da Comunhão Espírita — onde eles tiveram lugar desde que Chico transferiu-se para Uberaba — para a modestíssima casa atual da avenida João XXIII. "Acontece que uma senhora quis deixar para o Chico a herança de uma fazenda que valia dois milhões novos — revelou-me, por fim, uma seguidora mais incontida — e ele não queria aceitar de jeito nenhum. Mas o pessoal da Comunhão começou a pressioná-lo de tal forma que ele um dia acabou dizendo: "Está bem, então eu aceito a herança, passo ela para vocês (para a Comunhão Espírita) e saio daqui."

Para Chico, como vêem, a sua missão fica acima de tudo, até mesmo de sua vida. Pois se ele fosse seguir os

conselhos de seu cardiologista, há muito que ele, que já teve dois enfartes, não estaria mais atendendo todos os desesperados que o procuram às sextas e sábados, os dois únicos dias da semana em que se limita agora a desenvolver suas atividades.

Por isso o cerco de amigos preocupados, que precisa ser rompido se não quisermos ser obrigados, como muitas pessoas, a postar-nos na fila que rodeia o Centro desde quarta-feira para conseguir trocar umas poucas palavras com o médium na sexta. Então o que é que a gente faz? Mesmo sabendo que conseguir uma entrevista "não é possível, de jeito nenhum" (segundo Eurípedes) ou "vai depender apenas da intuição que o Chico tiver na hora" (segundo outros), consegue-se uma carta de apresentação com uma pessoa de boa vontade como a Marina Strazzer, mulher do Carlos Augusto, que tanto sucesso faz como "O Profeta", os dois ardorosos seguidores da doutrina kardecista, e junta-se a esta outra, fornecida pelo não menos amável senhor Stig, proprietário da Livraria Boa Nova, onde, aliás, trabalha um dos irmãos de Chico Xavier, carta esta onde é citado o nome do conhecido jornalista espírita Herculano Pires, que para isto deu permissão e com o coração munido de fé em Deus, toca-se para Uberaba...

120 – OBSERVAÇÕES E IMPRESSÕES DA REPÓRTER

Durante os entendimentos mantidos pela manhã (de sexta-feira) no consultório dentário de Eurípedes havia ficado combinado que eu deveria encontrá-lo às 14,30 horas na porta da sua casa, que é também a do

médium. "Nós vamos juntos para lá (para o Centro, cujas atividades inciavam-se, nesse dia, às 15 horas)" — prometeu-me.

(Eurípedes Humberto Higino dos Reis conhece Chico Xavier desde os sete anos de idade através de sua mãe Carmem Higino dos Reis, há longa data seguidora do médium. Dona Carmem agora mora sozinha, desde que, há dez anos, "o Chico pediu se eu deixava o Eurípedes (então com 17 anos) morar com ele para lhe fazer companhia". Pois Chico, sabe-se, sentia-se muito sozinho desde que se viu afastado da família. Na casa, além de Eurípedes e de Chico, moram também um sobrinho deste último e uma senhora que, parece-me, é a empregada).

121 – O PERFUME DE FLORES

(Como, além de conhecer o meu eleitorado, estou ciente da impressão que muita gente, que não conhece Chico, tem dele, e de certas algumas acusações que às vezes lhe são feitas declaradamente pela imprensa, vou limitar-me a reproduzir aqui uma história que me foi contada por um jornalista amigo meu, sujeito muito sério e incrédulo, a respeito de uma reportagem que ele havia sido incumbido de fazer, uma vez, com Chico Xavier, para a revista "Planeta":

"Quando o Chico entrou na sala da casa dele para conversarmos" — disse ele — "a sala ficou cheia de um perfume de flores tão forte que eu logo pensei: puxa, como essa b. . . se enche de perfume! Então daí há pouco, ele teve que ir lá para o quarto dele procurar umas fotografias e quando ele saiu da sala, o perfume desapareceu. Aí eu fiz uma pergunta para o Chico e quando ele respondeu, lá do quarto, o perfume voltou a

encher a sala. Depois, no meio de uma pergunta que o Chico estava respondendo eu pensei: Como é que um homossexual destes pode ser líder de um movimento espiritual tão sério? — E sabe o que foi que aconteceu? Ele parou a resposta que estava dando e começou a responder a pergunta que eu estava fazendo em pensamento!!! Disse que podia jurar nunca ter tido uma relação sexual na vida com mulher e muito menos com homem. Que era virgem e que suas características femininas deviam-se ao fato dele ser, ao mesmo tempo, pai e mãe de uma nova era.”).

(Como vêem, tudo que está contido neste parêntese nada mais é que o resultado de uma associação de idéias).

Quando Eurípedes entrou — uns trinta minutos após o horário combinado — com seu possante Corcel II — na empoeirada garagem da empoeirada casa que é o lar de Chico Xavier e onde, além de mim, várias pessoas esperançosas de uma intercessão sua abrigavam-se da violentamente ensolarada tarde uberabense, eu já havia me solidarizado com uma igualmente empoeirada e modesta família goiana, que tinha viajado três dias de carro perseguindo a miragem de chegar perto de Chico Xavier, pois, como me dizia a mãe dessa família, “não precisa nem falar com ele não. Só de ver o Chico eu já fico contente.”

Eurípedes porém, foi implacável. Ao abrir a porta que dava para o interior da casa, permitiu que apenas um grupo extremamente diminuto entrasse junto com ele (se eu não tivesse corrido também não teria entrado, é preciso que se diga) recebendo os decepcionados protestos com um lacônico “mas o que é que eu posso fazer?”. A família goiana ficou de fora.

Mais meia hora de espera no jardim cercado por

altos muros da casa (pois a ninguém foi permitido entrar no seu interior) e finalmente dá-se a ansiosamente esperada aparição do famoso médium. De terno branco, óculos escuros, um tanto gordo, atarracado, ele vem andando calmamente e é logo cercado por desconhecidos e assessores diretos, entre os quais encontra-se o impenetrável casal Weaker, um dos principais doadores da casa onde funciona o Grupo de Prece.

Este homem que recebe cumprimentos e recomendações em voz baixa com tanta amabilidade, parece-me, devo confessar bastante distante da imagem de Chico Xavier que eu guardava na mente. Uma imagem à qual eu tinha horror. A imagem de um homem feio, com uma peruca inadequada, horrorosa, que falava sempre como se estivesse pedindo desculpas por ter nascido, palavras que me pareciam por demais adocicadas, palavras pertencentes ao jargão espírita, uma religião da qual, há muitos anos eu me havia afastado.

A proximidade da presença física de Chico Xavier faz milagres e já ali eu comecei a perceber os eflúvios da sua tão decantada bondade. Algo indefinível, mas ao mesmo tempo tão forte, que anula completamente o físico desfavorecido, a lembrança de todos os boatos maldosos espalhados, durante anos, pelos seus detratores, a incrível peruca, que, por sinal, não é mais tão incrível, substituída que foi por outra, de melhor qualidade e mais discreta, com esparsos fios grisalhos. (Quanto a este detalhe, lembro-me de ter prometido a mim mesma não descansar enquanto não soubesse por que um homem que tem tão pouco apego às coisas materiais insiste em lançar mão deste recurso). Falei-lhe no nome de Marina Strazzer e ele sorriu, como se lhe trouxesse boas recordações.

Quando o cortejo ia pôr-se a caminho lembrei a Eurípedes a sua promessa de levar-me junto com eles e antes que ele pudesse mudar de idéia, enfiei-me rápido no banco traseiro do carro. E sem mais perda de tempo, comecei a puxar papo com Chico Xavier. Entreguei-lhe a carta com recomendações do senhor Stig e de Herculano Pires e, ao mesmo tempo, solicitei-lhe, em voz alta, a entrevista.

Quanto à entrevista — disse — falaria comigo mais tarde. “Se der tempo, hoje à noite, depois dos trabalhos. Senão, amanhã. Perguntei pela sua saúde, ele garantiu-me estar “um pouquinho melhor, graças a Deus”. Indaguei se era verdadeira sua grande curiosidade a respeito do final da novela “O Profeta”. Disse-me que sim. Conte-lhe então que, até o momento, corriam boatos de dois finais para a novela. Que segundo uma versão, Daniel morreria no desastre de carro que ele próprio havia previsto, e segundo outra Daniel se casaria com a Carola. Quis saber qual das duas era a sua preferida. “Ah, eu fico sempre com a vida” — respondeu-me sorrindo. Lembro-me de ter estranhado ouvir esta frase dos lábios de uma pessoa que demonstra tanta certeza na existência de uma vida além-túmulo. E de ter anotado mentalmente a necessidade de inquiri-lo sobre isto em momento mais oportuno.

A chegada do carro que trazia Chico ao Grupo de Prece fez a fila que o rodeava torcer-se em convulsões que tornaram os guardas de plantão extremamente alertas.

“Antigamente não tinha guarda, não tinha nada, mas depois foi preciso pôr, porque se não, dá atrito” — queixou-se Chico, como desculpando-se.

Dá atrito e dá picadinho de Chico Xavier — penso, ao ver as mulheres que, à sua passagem, tentam agarrá-lo,

chamar sua atenção, enquanto gritam o seu nome, desesperadas.

Uma vez lá dentro, Eurípedes permitiu que eu sentasse quase ao lado de Chico (digo quase, porque ao lado de Chico estava o próprio Eurípedes) no banco de madeira colocado ao lado da porta de entrada, por onde passaria a imensa fila de postulantes, alguns dos quais, como já disse acima, estavam ali à espera desde a quarta-feira.

“Fique atenta que você vai ver: às vezes, uma pessoa chega e diz que quer saber notícias de um parente que morreu e o Chico responde: “Ah, sei, o fulano de tal, não é?” — alerta-me Eurípedes. Mas não foi possível seguir o seu conselho. Pois além do amigo de Chico ter se postado entre nós dois, o médium fala muito baixinho, sua fraca voz sendo encoberta pelas vozes daquela gente desesperada que muitas vezes já chega chorando à sua presença:

“Você sabe o que é uma mãe perder um filho, Chico?”

“Chico, eu estou desenganado pelos médicos.”

“Eu vim aqui, Chico, porque sou um suicida em potencial.”

E tome beijo no rosto do Chico, abraço apertado e mil beija-mãos que, igual aos pedidos de bênção feitos aos padres, são retribuídos com outros beijos cautelosos, que não chegam a encostar mesmo nas mãos dos pedintes. E a tênue voz de Chico nunca se altera, enquanto ele anota o nome e a idade dos queixosos numa folha de papel. Vai confortando, pedindo paciência, fé, dando esperanças, e conforme o caso, insistindo para que o queixoso não deixe de visitar também os médicos cá da Terra.

(“Estes casos — disse-me Eurípedes mais tarde — me afetam, mas nem tanto. Agora o Chico, ele vive cada

um desses problemas. E é por isto que muita coisa eu nem deixo chegar até ele" — revelou, referindo-se, certamente, a pessoas que o procuram fora dos dias destinados às consultas).

Quando a fila chegou ao fim, e isto, garanto, levou tempo, tive a honra de ser convidada por Chico para sentar-me à mesa, coisa que, disseram-me depois, "ele não costuma fazer com quase ninguém". Devo confessar que foi com o coração alvoroçado pela expectativa de grandes acontecimentos que aceitei aquele convite. Qual não foi porém a minha decepção ao ver Chico desaparecer por uma portinha que se abria, na sala, para um pequeno quarto, sempre ladeado pelo impenetrável casal Weaker (digo impenetrável, porque este casal, que é quase da mesma altura, além de não falar, não move um músculo do rosto sequer, dando aos que nunca puderam partilhar da bondade que talvez se esconda em seus corações a impressão de ser um par de fiéis robôs). Dali ele sairia somente às primeiras horas da madrugada, deixando-me a mim e a todo aquele povo aflito e cansado entregues às perorações em torno do trecho do "Evangelho Segundo o Espiritismo" que falava sobre o suicídio escolhido para servir de tema aquele dia.

Ah, os oradores! Como poderei eu descrevê-los? Alguns deles, embora não mostrassem grande cultura, pronunciavam, com simplicidade, palavras que — notava-se — vinham de seus corações. A maioria, porém, como que encantada com o som da própria voz (e tanto isto é verdade que um incrível casal de médicos chegou a levar um potente gravador para gravar os seus discursos, findos os quais, desligavam-no, tendo um deles até se retirado da mesa) estendia-se infindavelmente num palavreado oco, repleto de lugares comuns e palavras gastas num tom de

voz eternamente igual. Eu dormia de babar (confesso Chico, perdão), acordava e lá estavam eles, infatigáveis: "... por isso, precisamos antes passar pelo caminho do sofrimento (...) Estamos aqui, num planeta escola (...) o sofrimento é o apanágio de todas as criaturas (...) o meu mundo é colorido se eu faço deste mundo uma fotografia colorida. ..." — tendo, como fundo musical, um muzak composto por melosos arranjos para composições como "Dancing'n The Rain", "Night And Day" e "Moulin Rouge", as faces impassíveis.

Não posso dizer a hora exata, mas foi certamente depois da meia-noite que Chico reapareceu, ladeado — é claro — pelos Weaker. A este acontecimento, seguiu-se um *frisson* da assistência que, de súbito, ficou inteiramente acordada e alerta. As receitas começam a ser distribuídas entre as pessoas. Enquanto isto, Chico, sempre ladeado, etc., etc., etc., senta-se à cabeceira da mesa, põe as mãos na cabeça e concentra-se. O silêncio na sala torna-se absoluto. Uma das mãos cobrindo os olhos fechados, ele apanha um dos muitos lápis "Presto — 1.600" colocados ao lado de sua mão e começa a psicografar uma mensagem que tem como título "Evitando o Suicídio". A mensagem é longa e, à medida que as pontas dos lápis vão se gastando, o médium atira-os para o lado e imediatamente recebe um outro, bem apontado. Finda esta mensagem, chegamos enfim ao "gran finale". Podemos, sem medo de errar, chamar assim o momento em que um ou no máximo dois daqueles que já passaram para o Além têm a permissão de ditar alguma mensagem para seus parentes que aqui ficaram. Como a assinatura do comunicante vem sempre em último lugar, pode-se cortar a soma das expectativas ambientes com uma faca, tão densa ela se torna.

Cabeças esticam-se como que procurando decifrá-la de longe. Poucos são os que, por estarem colocados em posições favoráveis (o que acontecia comigo), podem tomar conhecimento de alguns de seus trechos antes mesmo da sua leitura em voz alta pelo médium — outra parte invariável do ritual.

“Querida mamãe, meu querido papai.

Em pensamento agradecido a Deus peço que me abençoem(. . .) Sinceramente não sei como sairá da minha cabeça através do lápis (. . .) vovó Elvira e vovó Ignez me auxiliam (. . .) peço que me perdoem aquela ocorrência triste no aniversário da Jamile (. . .) não consegui mover as mãos e até os lábios pareciam selados sem que eu conseguisse transmitir qualquer som (. . .) creiam porém que eu os tinha em meu pensamento misturando-lhes as imagens e a dos meus irmãos. Foi assim: (. . .) não consegui ver mais nada ali naquele trecho de estrada de Altinópolis para Batatais (. . .) o avô Marchiori, a vovó Ignez, a vovó Elvira, todos me cercaram de muito carinho (. . .) ao verme assim transtornada chorei muito, porque a gente nunca se prepara para um instante como aquele (. . .) sofri muito a princípio como podem imaginar, mas são tantos os amigos a nos convidarem para trabalho novo que vale mais esperar com paciência a nossa recuperação (. . .) tudo aconteceu como se uma tempestade se condensasse e fosse desabada sobre nós. Vovó Elvira me conforta explicando que o nosso tempo estava contado e que não nos sobrava qualquer minuto (. . .) comecei a preparação para serviços de socorros aos necessitados e peço o auxílio das preces habituais (. . .) não deixem a tristeza empoeirar nossas lembranças. A melhor homenagem que nos possam fazer é a de doar aos outros aquilo que foi de nosso uso pessoal (. . .) peço desculpas ao Felix e aos nos-

sos familiares (. . .) papai, vovô Campos e nosso avô Marchiori têm sido os nossos melhores amigos (. . .) não estamos totalmente felizes porque a separação não é sinônimo de alegria entre aqueles que se amam (. . .) Desculpem se escrevi tanto. Creio porém que falar tanto é próprio dos que sentem solidão. Não me refiro à solidão espacial mas à ausência dos pais queridos (. . .)

Ignez Elvira. . .

Ignez Elvira Campos Elias.”

Quando o nome da jovem falecida é pronunciado em voz alta pelo médium (que neste momento recorre ao auxílio de um microfone), emocionados “ohs! e ahs!” percorrem o ambiente. Chorando muito, um casal idoso aproxima-se da cabeceira da mesa. Durante o decorrer da mensagem, o choro aumenta. Muitas pessoas estranhas solidarizam-se nas lágrimas ao casal que, finda a leitura da mensagem (que lhe é entregue em mãos pelo próprio Chico), é profusamente cumprimentado como se sua filha acabasse de nascer de novo.

Mais tarde, recebi do casal Dalila de Campos Elias — Muzeti Elias Antônio, (um ex-deputado do PSP e do MDB que declarou ter sido, até aquele momento, um descrente) a confirmação das muitas provas que aquela mensagem lhes trouxe.

“Nós já tínhamos vindo de São Paulo até aqui quatro vezes sem resultado algum. E a única coisa que o Chico sabia era que nós queríamos saber notícias da nossa filha e o nome dela. O resto, o nome dos parentes falecidos citados, o lugar em que se deu o acidente, a ocasião (festa da Jamile), o nome do marido (Félix) da Sarah, a prima dela que estava no carro com ela e que

também morreu, ele não sabia não. Também é verdade que eu não mexi mais no guarda-roupa da minha filha depois que ela morreu, que tudo dela está lá como ela deixou" — diz dona Dalila, começando a chorar de novo.

(Tudo isto é igualmente confirmado pelos numerosos membros da família que acompanharam o casal até Uberaba. Muitos outros casos semelhantes a este estão descritos no livro "Luz Bendita" com o aval (fotografia, endereço, assinatura) de pessoas que receberam mensagens de seus entes queridos através de Chico Xavier).

Findos os trabalhos daquele dia, aproximei-me de Chico cobrando-lhe a conversa prometida.

"Eu falo com você amanhã à noite. Mas vai ser só uma conversa. Entrevista eu não dou, porque até hoje oitenta por cento dos jornalistas mais atrapalharam a minha vida do que ajudaram. Há cinquenta anos que eu dou entrevistas, se eles não acreditaram até agora. . ." — disse ele, antes de ser "seqüestrado" por Eurípedes e pelo casal Weaker.

De maneira que, no dia seguinte, eu precisei acompanhar a Peregrinação que ele, seu grupo e convidados, fazem todas as tardes de sábado à Vila dos Pássaros Pretos para distribuir pão e dinheiro para a compra de leite aos seus paupérrimos habitantes (nessa ocasião, os visitantes que tiverem trazido gêneros alimentícios podem distribuí-los, eles mesmos, entre os pobres). Antes disso, há outra leitura do "Evangelho Segundo o Espiritismo" presidida pelo médium. Esta leitura tem lugar debaixo de um frondoso abacateiro enquanto garrafas de água são colocadas pelos presentes em cima de uma mesinha para que recebam bons fluidos. Neste dia, Chico, que havia fugido da cidade no domingo anterior para escapar aos por certo

exagerados cumprimentos pelo seu aniversário, ganhou atrasados "parabéns a você", acompanhados de palmas, beijos, abraços e até uma seresta feita por músicos do lugar.

À noite, submeti-me a outra sessão de oratória praticamente quase igual à primeira. Com a diferença que a fila, neste dia, passou por Chico no fim (neste dia não houve consultas) para que os presentes pudessem dar suas despedidas ao médium que, naquela noite, autografou centenas de livros e psicografou uma mensagem de um rapaz à sua mãe ali presente, assinando-a cinco vezes com a mão esquerda, visto na Terra ter sido canhoto (dado confirmado por sua mãe. Esta porém, não foi a primeira mensagem que Laurinho enviava à sua mãe, Dona Priscilla P. S. Basile. Era a terceira. Mas na primeira ela teve a mesma prova, conta dona Priscilla, que até escreveu um livro sobre a morte do seu filho onde aquela mensagem está incluída. O espírito do jovem Marco Antônio aproveitou e pegou uma carona nesta mensagem, mandando, por intermédio de Laurinho, um recado à sua (de Marco Antônio) mãe, uma senhora chamada Maura, de Aragua-ri, que até aquele momento nunca tinha visto dona Priscilla na vida.

Depois que a última pessoa da fila virou as costas e foi embora, eu, que a estas alturas já estava bem aflita e ansiosa, aproximei-me e, audaciosamente, cutuquei suas costas. "Ah, a nossa entrevista!" — disse-me o médium voltando-se calmamente. E eis que, daí a quinze minutos vejo-me em plena residência de Chico Xavier, se é que se pode chamar de residência aquela humilíssima e completamente desarrumada casa onde empoeiradas pilhas de papéis e livros acumulam-se no chão, junto às paredes e em cima de todos os móveis disponíveis, exceto a mesa

onde é servido um gostoso cafezinho mineiro, acompanhado de roscas doces, aos inúmeros convidados e não convidados que, julgando-se suficientemente íntimos, espremem-se nos duros bancos de madeira, uns muito falantes, outros extremamente quietos e expectantes, dando ao ambiente um ar que é um misto de gostoso serão interiorano e velório.

Chico Xavier, porém, sumiu. De lá de dentro chegam notícias de que o médium encontra-se nas mãos de uma jovem doutora em acupuntura que está prestes a fazer um curso de aperfeiçoamento na China. Passado um bom tempo alguém passa para alguém a informação de que Chico tinha se recolhido ao leito devido à reação que a sessão de acupuntura causara ao seu combalido organismo. A notícia tem o condão de causar uma espécie de debandada geral. Eu, de minha parte, espero.

Quando a sala já está praticamente vazia, Chico reaparece e, dirigindo-se a mim, diz: "Bem, vamos então à nossa entrevista" — com um ar levemente galhofeiro.

122 — A MEDICINA E A FÉ

Mal conseguindo acreditar, sento-me ao lado dele, que escolheu a cabeceira da mesa. E sentindo-me subitamente muito sem graça, lanço a minha primeira pergunta: tinha ouvido Chico aconselhar muitas das pessoas que haviam ido procurá-lo a buscar os conselhos de médicos da Terra, sendo que o próprio Chico tratava-se com eles. Visto que Jesus sempre usou nas suas curas apenas dois elementos, energia e fé, e visto não se ter notícia de que houvesse alguma vez ficado doente, não se constituiria essa atitude de Chico Xavier numa falta de fé para com o poder de Deus que está dentro de nós?

Com uma voz muito suave e pausada, Chico começa a me ditar, com pontos e vírgulas, uma enorme resposta que me dá a impressão de ser uma daquelas mensagens psicografadas que ele costuma receber. Ao mesmo tempo, começo a sentir o já tão famoso perfume de flores de que me tinha falado meu colega jornalista. Obediente como uma colegial, eu recebo o meu ditado:

"Os Espíritos acham que a Medicina é uma ciência que nos foi concedida pela Providência Divina para que os males orgânicos sejam aliviados ou curados. Nós sabemos que a Medicina está evoluindo cada vez mais para a Medicina Psicossomática compreendendo a importância da mente sobre a nossa vida orgânica. E os Espíritos amigos admitem que esse progresso da ciência médica neste setor caminha para uma amplitude cada vez maior. Nos casos dos problemas infecciosos, em tempo algum poderíamos dispensar os recursos da medicina curativa ou preservativa através da vacinação com os ensinamentos da higiene tão completos quanto seja possível em benefício da comunidade. Os Espíritos nos ensinam a valorizar cada vez mais a influência da oração em nossos processos de cura, mormente quando estejamos sob impactos emocionais muito fortes que podem determinar a eclosão de muita moléstia obscura. Mas, ao mesmo tempo, os Amigos Espirituais consideram que com a permissão da Providência Divina, a ciência de curar professada pelos homens adquiriu inimaginável adiantamento, com pesquisas de amplo sucesso que nós não podemos menosprezar. Especialmente em cirurgia, o avanço da Medicina nos últimos anos é francamente espantoso. Considerando assim, os benfeitores espirituais habitualmente nos induzem à oração como recurso de melhoria de nossos potenciais orgânicos, mas observam que as necessidades criadas por nós mesmos, de Jesus até os nossos tempos muitas vezes

exigem intervenções de agentes químicos exigidos por nossos próprios desequilíbrios na restauração de nossas forças. Diante da evolução de nossos tempos, não será justo de nossa parte esquecer a influência decisiva da medicina compreensiva e humanitária em nosso favor, não só porque o progresso do mundo justifica isto mas também para coibir certos abusos que em nome da oração muitas vezes são perpetrados por pessoas menos responsáveis quando se trata da saúde humana."

"Os Espíritos Amigos sempre me dispensaram atenciosa bondade seja minorando os efeitos de qualquer enfermidade de que eu seja portador, especialmente através do passe magnético e da água fluidificada na fase da oração. Mas em todos os casos graves de doenças físicas pelos quais tenho passado, eles mesmos me ensinam a procurar o socorro e a cooperação de médicos competentes e amigos, naturalmente para que eu não me sinta uma pessoa pretensamente privilegiada pelo fato de ser médium espírita, o que considero muito natural porque esta situação me faz reconhecer que sou uma pessoa humana e frágil como tantas outras que necessitam do amparo da medicina para viver e sobreviver. Muitos espiritualistas talvez pensem que já possamos de modo geral sentir a presença de Deus em nós dispensando qualquer recurso humano para a supressão de nossas enfermidades e fraquezas. Os Espíritos Amigos porém nos ensinam que realmente todos temos a presença de Deus em nós, entretanto, conquanto o próprio Jesus haja dito que o Reino de Deus está dentro de nós, sem contrariar de modo algum a afirmativa do Divino Mestre, estamos ainda na condição do diamante bruto requisitando por muito tempo a passagem de nossa personalidade humana através das oficinas de burilamento que no caso são os sofrimentos e as vicissitudes da nossa existência na Terra até que o

esmeril da experiência nos aperfeiçoe de tal maneira que venhamos a refletir a presença de Deus em nós mesmos, tal qual o brilhante finamente aprimorado consegue refletir a luz do Sol. Nós não podemos compreensivelmente até agora comparar qualquer pessoa terrestre que se disponha a colaborar nos serviços curativos à pessoa de Jesus Cristo, cujo poder magnético, sem dúvida, poderia atuar decisivamente sobre qualquer processo enfermigo desfazendo os ingredientes ou agentes em que esses processos enfermigos se estruturavam."

Mas depois de todo este ditado, quando eu insisti no meu ponto de vista, ele começou outra vez, muito sério, a dizer que eu precisava ver, que as condições de vida, a alimentação das pessoas eram muito diferentes das que existiam no tempo de Jesus, que o mundo está hoje superpovoado. . . Para acabar num surpreendente e extremamente malicioso:

"... e depois, se nos pusermos aqui a desacreditar a Medicina acabamos eu e você, minha cara Regina, sendo presos, não é? E como isto não é conveniente para nenhum de nós dois. . ."

Tem senso de humor, o Chico. No entanto, ao falarmos sobre a situação atual do Brasil, sabe-se lá que Espírito encostou nele, que começou a dizer coisas como, por exemplo, esta:

"Eu acho sim, que nós somos um país muito feliz porque estamos rodeados de muitas fogueiras políticas e devíamos agradecer aos homens que nos ajudam a manter esta ordem. Chamam isto de fascismo. Mas eu nunca vi nenhuma liberdade ser reprimida a não ser no que diz respeito aos tóxicos e subversivos. Francamente acho que só não temos a liberdade de sermos criminosos."

Coisas de quem vive mais no Além do que na Terra.

Mas apesar disto, apesar de todo o meu raciocínio, sinto-me cada vez mais envolvida pela atmosfera francamente celestial que envolve este homem, como se eu tivesse chegado assim perto de uma espécie de santo brinqualhão.

Critico "pregadores" do seu Grupo de Prece pensando que iria vê-lo zangar-se, mas ele, prefere contar-me um caso, que demonstra estar Chico Xavier bem ciente de quem são os "sepulcros caiados de branco" que se sentam à sua mesa. O caso diz que, tendo Chico uma vez sido obrigado por seu chefe a trabalhar num domingo, ficou ele revoltado com a visão de dois rapazes que passaram não só todo aquele dia, mas também o seguinte numa mesa de bilhar. Muito chateado ele clamou aos céus reclamando daquela injustiça. Logo em seguida, a voz de Emmanuel disse ao seu ouvido: "Meu filho, Deus colocou o bilhar no mundo para que certas pessoas não se ocupassem de coisas piores". E ri, muito divertido.

123 — ESPIRITISMO E SOFRIMENTO

Digo-lhe que, a meu ver, o Espiritismo glorifica, de uma maneira mórbida o sofrimento.

"Eu não! — volve ele, de pronto — eu vivo muito alegre, muito feliz, trabalho, tenho sempre muita gente em volta de mim. Muita, muita gente na minha vida, é disso que eu gosto." (É preciso dizer que a esta altura, a sala, não se sabe como, ficou de novo repleta de gente).

Sim — respondo — mas o Espiritismo só fala em provação, em penas a pagar, em carma. Quando Cristo colocava as pessoas debaixo da Graça de Deus, Ele dizia: "Perdoados te são os teus pecados".

"Sim — diz Chico — Deus pode perdoar, mas é a nossa própria consciência que não nos perdoa. Somos nós mesmos que solicitamos as provas que iremos passar na Terra, em decorrência dos nossos erros cometidos em uma encarnação anterior. Além do mais, eu pedi para um amigo meu que é grego, que verificasse para mim as origens da palavra perdoar em grego antigo e ele me disse que nessa língua, essa palavra, tinha o significado de *tolerar*. Quer dizer que Deus tolera, tolera apenas, veja bem, os nossos pecados, tem benevolência para com o devedor."

124 — FIM DO MUNDO

E por fim uma pergunta que, se Chico Xavier não puder responder, quem é que vai conseguir? Seguinte: o mundo vai mesmo acabar no ano 2.000?

"Os Amigos Espirituais que se comunicam conosco — esclarece ele — dizem que nós corremos o perigo de guerras difíceis. Mas devemos crer na Providência Divina. Se existe outro mundo nas galáxias, que Ela, na sua bondade, pode nos dar. . . (Chico, por sua vez, não tem nenhuma dúvida de que "existem milhões de mundos habitáveis e habitados, alguns em outras vibrações de matéria.")

"E também, esta data marcada pode não ser exatamente 2.000, pode ser 2.900" — diz, esperançoso.

125 — A NOVELA "O PROFETA". FIM DA ENTREVISTA

Recordo-me da sua torcida para que Daniel acabas-

se casando com Carola no final do "Profeta" e das suas palavras — "eu prefiro a Vida" — e peço explicações a respeito.

"A vida continua, mas devemos aproveitar aqui o máximo. O nosso corpo custou muito a nossos pais, a nossa mãe. . ."

Repentinamente, abre-se um grande branco na minha cabeça. O médium também não parece grandemente desejoso de declarar mais nada. Sendo assim, despedimo-nos amavelmente.

Saí carregando comigo um pouco daquela maravilhosa atmosfera que cerca Chico Xavier. E eis que quando entro no saguão do hotel, totalmente deserto àquela hora da madrugada, sinto, perplexa que o famoso perfume de flores que costuma cercá-lo estava lá me esperando, mais forte do que nunca. E desde aí, contra todo o meu raciocínio, sempre que começo a pensar naquele homem feio, velho, doente, caipira e pobre eu choro, de cair lágrima, feito uma criança. Alguém pode me explicar uma coisa destas?

(P.S. — Não consegui reunir coragem para perguntar a Chico o porque daquela peruca. Mas mais tarde, como que respondendo ao meu pensamento um amigo meu disse-me que ele a usa para evitar apanhar friagem na cabeça, onde sofre fortes dores. Si non é vero. . .)



NOTA DO MÉDIUM

O Instituto de Difusão Espírita, de Araras, Estado de São Paulo, está publicando a presente entrevista, a meu pedido, cabendo-me explicar aos leitores amigos os motivos de minha solicitação, nos itens seguintes:

1 — A opinião registrada pela Entrevistadora, com relação à Medicina foi realmente ditada por Emmanuel, nosso conhecido Benfeitor Espiritual que, compreendendo o meu natural constrangimento, diante da distinta escritora e jornalista que nos visitava, me auxiliou a responder a questão com os recursos de que eu mesmo dispunha.

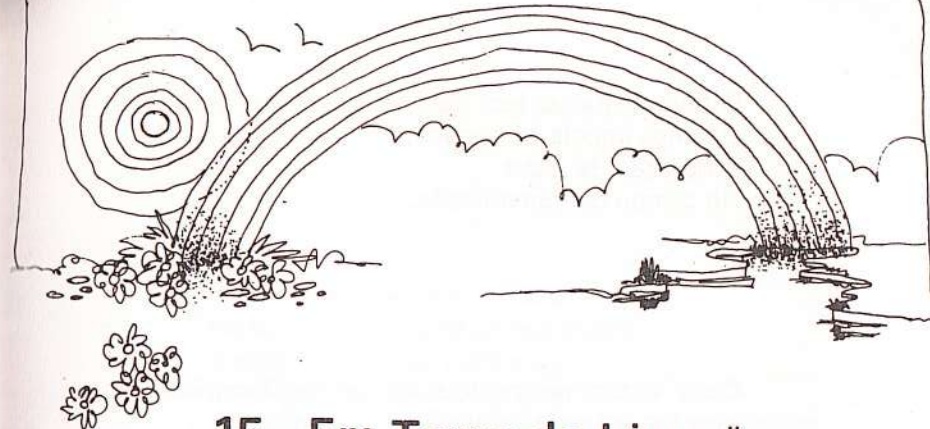
2 — Não teria dito, de minha parte, ao nobre representante da revista "Planeta" aquilo que a Entrevistadora consigna em suas páginas, afirmando gentilmente que assim o fez como apresentando "*o resultado de uma associação de idéias*"; lembro-me perfeitamente de que tomei a liberdade de esclarecer ao digno representante da mencionada Revista, quando estive pessoalmente em nossa residência de Uberaba que muitos espíritos estão reencarnados na Terra, sem as tarefas do casamento na vida física, — assim qual me ocorre —, em vista de trazerem consigo à existência terrestre encargos específicos para rendimento mais amplo de trabalho. Esclareci, ainda, que, em mediunidade, essa circunstância naturalmente favorece a pessoa mediúnica, de modo a se colocar, com mais facilidade, ao dispor das Entidades Espirituais.

3 — Compreendo, sem mágoa, que a Entrevistadora poderia ter sido mais generosa para com os meus companheiros de trabalho que me suportam as exigências e carregam comigo as responsabilidades e serviços do Grupo Espírita da Prece, nesta Cidade, sem qualquer remuneração e entendo que todos eles saberão desculpar as referências menos felizes de que são objeto, tanto quanto sabem relevar com espontânea bondade, os sacrifícios que a minha existência difícil lhes reclama, entretanto, permito-me fazer o presente registro para declarar, de público, quanto os estimo e quanto lhes sou agradecido.

Quanto a mim mesmo, reconheço que a Entrevistadora me traça o perfil mediúnico exteriorizando o carinho e a benemerência que lhe brilham no coração, às vezes a misturar os seus nobres sentimentos com o apurado senso de humor que lhe caracteriza a inteligência, colocada a serviço do Jornalismo e, com respeito a isso, nada tenho de que me queixar, compreendendo que as opiniões alusivas a mim próprio, sejam as dela ou de outros amigos pertencem a eles mesmos e nunca pusemos em dúvida a nossa obrigação de respeitar os pensamentos alheios, atentos que devemos estar à verdade de que somente analisamos as pessoas e as situações com os nossos próprios recursos. Compete-me, porém, de minha parte, reconhecer a distinção e a sinceridade da Entrevistadora que foi correta e digna observadora das ocorrências espirituais em nossa modesta casa de fraternidade e oração, sem torcer a verdade dos fatos, em momento algum, o que nos leva, com esta nota, a expressar-lhe a nossa admiração e profundo reconhecimento.

Francisco Cândido Xavier

Uberaba, 15 de fevereiro de 1979



15 - Em Torno do Livro *

O livro que instrui e consola, é uma fonte do Céu, transitando na Terra.

Bezerra de Menezes

*

Cuidado com o teu lápis e com a tua pena! Quem escreve está conversando com a humanidade inteira.

Romualdo Seixas

(*) Páginas recebidas pelo médium Francisco Cândido Xavier, em reunião pública, realizada na cidade de Belo Horizonte/MG, em 1950.